

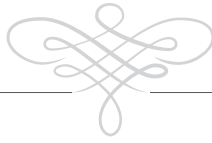
Anticasticismo

O anticasticismo é uma corrente que se instaura, nos seus princípios, contra o casticismo. O termo “casticismo”, derivado de “castiço”, designa o conjunto de atitudes e comportamentos daquele que é castiço, ou seja, daquele que é puro, próximo da origem, primordial e, no âmbito das comunidades humanas, que tem um carácter nacional. No campo linguístico, e num sentido metonímico, designa a pureza da língua e, concretamente, um vocábulo vernáculo. O termo “castiço” deriva do nome “casta” através do sufixo *-iço* que impõe ao adjetivo com ele formado a significação de “propenso a”. Esta génese morfológica do adjetivo “castiço” permite compreender o significado primeiro de “castiço” – “reprodutor, fecundador” –, colhido em textos do português (VICENTE, 1979, 581), a partir do significado original do nome “casta”, cuja proveniência etimológica é incerta (COROMINAS e PASCUAL, 1991), mas que significava “geração” e “espécie animal ou vegetal”, sendo tardia a significação de “pureza” aliada a estes semantismos. Um “cavalo castiço” era, pois, um cavalo “propenso à casta”, ou seja, à geração; um cavalo utilizado para a reprodução. Posteriormente, o nome “casta” integra, na sua carga semântica, o traço de “pureza”, através do uso que os Portugueses fizeram deste vocábulo, referenciando com ele as classes sociais hereditárias da Índia que não admitiam a miscigenação. Em consequência deste traço de “pureza” do nome “casta”, passa o adjetivo “castiço” a designar a qualidade de ser “puro”, “peculiar”, “próximo da origem”, já anotada

por Bluteau, ao lado da primeira aceção, em relação a raça animal ou linhagem e acrescentada por Moraes em relação a palavras, sendo “palavras castiças” as que são “puras da língua, sem nota ou mescla de estrangeiras”.

É com base nesta segunda dimensão semântica de “castiço”, como algo que espontaneamente se manifesta no indivíduo, advindo-lhe dos instintos da espécie a que pertence, que se constrói o nome “casticismo” e, contra os seus princípios, o anticasticismo.

O termo “casticismo” não se encontra abonado nos dicionários do séc. XVII, nem em Domingos Vieira; no séc. XX, surge abonado na 10.^a edição do *Grande Dicionário de Língua Portuguesa*, de Moraes. O nome “casticismo”, significando uma corrente que pugna por comportamentos linguísticos, culturais e artísticos que inscrevam no seu seio traços que sejam puros e primordiais, no sentido de reveladores da genuinidade de uma nacionalidade, teve maior utilização em Espanha do que em Portugal. Em Espanha, emergindo como corolário da geração de 1898, em que sói integrar-se Azorín, Unamuno, Pio Baroja e Valle-Inclán, entre outros, o casticismo resulta de uma busca da Espanha real, vivente em condições miseráveis, por oposição à Espanha falsa, ainda que oficial. A Espanha real é valorizada por esta geração nos seus traços característicos: os lugarejos isolados e pobres, os indivíduos falando uma língua vernaculamente marcada, com hábitos quotidianos secularmente enraizados, impermeáveis à homogeneização imposta por uma europeização crescente. Como tal, a geração de 1898 caracteriza-se pelo “costumbrismo”, ou seja, pela descrição dos costumes que são considerados genuinamente espanhóis. Os pensadores desta geração assumem-se como críticos de uma Espanha falsamente forjada



como homogeneamente avançada nos moldes do progresso industrial, cultural e social europeu, localizando-se ideologicamente à esquerda e pugnando pela pureza que só pode ser mantida através da negação da miscigenação cultural com outras nações. O temor perante a perda da própria identidade, que é já real – pois uma identidade forte não se ocupa com a sua explicitação –, revela-se na procura da espanholidade, através da rejeição daquilo que não lhe é intrínseco. Como tal, esta geração rejeita os princípios do realismo e regressa aos do romantismo, embora assuma contornos naturalistas.

O anticasticismo, por sua vez, forja-se como atitude ultranacionalista, como reação aos nacionalismos que, em Estados constituídos por várias comunidades que se têm a si mesmas como histórica, linguística e culturalmente unas e, por isso, diversas das demais, emergem como ameaças à integridade desses Estados. Como tal, são próprias do antinacionalismo (Antinacionalismo) falangista as atitudes anticasticista, europeísta e modernista.

Em Portugal, não terá havido verdadeira preocupação em relação ao “castiço”. No entanto, em obras como *Eusébio Macário*, de Camilo Castelo Branco, elaborada pelo autor, como o próprio o explicita no prefácio, numa atitude reativa à acusação de que não teria capacidade de escrever uma obra naturalista, assomam personagens castiças que, tal como ocorre na tradição espanhola, se revelam picarescas. Também em *As Cidades e as Serras* e em *Ilustre Casa de Ramires*, de Eça de Queirós, a oposição entre a genuinidade e a espontaneidade de personagens castiças, porque marcadamente locais, e o artificialismo de carácter de personagens europeizadas e/ou modernizadas exemplifica o castiço, mais do que o casticismo, que não parece ter tido âncora nas letras portuguesas.

Bibliog.: BARBOSA, Duarte, *O Livro de Duarte Barbosa*, ed. crítica e introd. Maria Augusta da Veiga e Sousa, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1996; BLUTEAU, Rafael, *Vocabulário Portuguez e Latino*, 8 vols. e 2 sups., Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-28; CAMPOS, Ismael Saz, *España contra España. Los Nacionalismos Franquistas*, Madrid, Marcial Pons Historia, 2003; CARDOSO, Jeronimo, *Dictionarium Latinolusitanicum & vice versa Lusitanicolatinum cum Adagiorum Fere Omnium iuxta Seriem Alphabeticam Perutili Expositione*, Conimbricæ, Ioan Barrericæ, 1569-70; COROMINAS, Joan, e PASCUAL, Duarte, *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*, 3.^a reimpr., Madrid, Editorial Gredos, 1991; GASSET, José Ortega y, *Obras Completas*, vol. II, Madrid, Revista de Occidente, 1963; PEREIRA, Bento, *Thesouro da Lingua Portuguesa*, Eboræ, Typographia Academiae, 1697; SILVA, Antonio de Morais, *Diccionario da Lingua Portuguesa*, 2 vols., Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789; *Id.*, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10.^a ed. rev., corrig., aum. e atualizada por Augusto Moreno *et al.*, Lisboa, Editorial Confluência, 1949-59; UNAMUNO, Miguel, “En torno al casticismo”, *La España Moderna*, t. LXXIV, fev. 1895, pp. 17-40; n.º LXXV, mar. 1895, pp. 57-82; n.º LXXVI, abr. 1895, pp. 27-58; n.º LXXVII, maio 1895, pp. 29-52; t. LXXVIII, jun. 1895, pp. 26-45; VICENTE, Gil, *Obras Completas*, coord. do texto, introd., notas e glossário Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Porto, Livraria Civilização, 1979; VIEIRA, Domingos, *Grande Dicionário Portuguez ou Thesouro da Lingoa Portuguesa*, 5 vols., Porto, Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-74.

ORLANDO MIGUEL GAMA
ALEXANDRA SOARES RODRIGUES

